

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OLIVEIRA, Maria Elgênia Caetano de¹

MARIANO, Sangelita Franco²

RESUMO

A afetividade na aprendizagem tem se tornado um assunto de muita relevância para os dias atuais na área da educação, pois é impossível discutir sobre educação enfatizando apenas aspectos de conhecimento e deixando de lado o campo das emoções, visto que, a razão caminha junto com a emoção. Neste sentido, esta pesquisa se justifica pela necessidade de levantar discussões envolvendo esta temática, explorando contextos teóricos que possam contribuir para a fundamentação do nosso objetivo. O objetivo desta pesquisa é investigar de que modo a relação de afetividade entre professor e aluno pode contribuir para o melhor desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil. O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Portanto, as informações desse trabalho de conclusão de curso demonstram a extrema importância da afetividade no que tange os processos de Educação Infantil. A relação entre a assimilação de conteúdos, razão e o desenvolvimento social das crianças são dependentes entre si e também resultam da interação entre professor e aluno.

PALAVRAS – CHAVE: Afeto; Desenvolvimento; Educador.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade na aprendizagem tem se tornado um assunto de muita relevância nos dias atuais na área da educação, pois é impossível discutir sobre educação enfatizando apenas aspectos cognitivos deixando de lado o campo das emoções. Desse modo, a afetividade está diretamente associada aos nossos sentimentos, os quais fazem parte da nossa existência, porém se manifestam de forma diferente em cada indivíduo. Entre vários sentimentos é importante mencionar os sentimentos de carinho, atenção, respeito, empatia, vínculo, dentre outros. Desse modo a “afetividade refere-se a um conjunto de experiências emocionais que são essenciais para o desenvolvimento humano, englobando desde as primeiras interações até a complexidade das relações sociais, incluindo emoções, sentimentos e vínculos interpessoais” (Borges, 2022, p. 18).

¹Graduanda em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos. Maria.elgenia@estudante.ifgoiano.edu.br

²Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos.

Sendo assim, podemos dialogar que uma criança tratada com afeto tende a se tornar um adulto mais confiante e seguro de si, conseguindo lidar com os problemas da vida, além de se tornar um ser humano mais centrado, participativo e pensante. O afeto é fundamental na construção das relações humanas e muito importante para formação do sujeito. Podemos destacar o meio que ele está inserido como um dos principais responsáveis por essa construção, ou seja, os espaços educativos como a escola e, por conseguinte o educador. Dessa forma, uma relação permeada por afeto deve fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, iniciados desde a educação infantil, tendo em vista que esta fase pode refletir de forma positiva para o resto da vida do sujeito, pois é quando ele começa a se desenvolver, construir relações, e se formar como indivíduo.

A forma de afeto discutida neste contexto abrange cuidado, respeito, empatia e reconhecimento das necessidades emocionais da criança. Tal afeição é crucial para promover um ambiente emocionalmente seguro onde o aluno se sinta apreciado e incluído. Esta abordagem de cuidado, centrada no cultivo de relacionamentos positivos entre professor e aluno, pode influenciar significativamente a trajetória de vida da criança, pois é durante este período que ela inicia o desenvolvimento de conexões significativas e a formação da identidade individual.

De acordo com Wallon (1995, p. 41), a criança na pré-escola “atribui a emoção como os sentimentos, desejos e manifestações da vida afetiva, demonstra os sentimentos como um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.” O autor traz as emoções como um papel fundamental para o desenvolvimento da criança, pois é por meio delas que a mesma manifesta seus desejos, sentimentos e vontades. Partindo disso, percebemos que a afetividade precisa andar de mãos dadas com a cognição, que uma não caminha sem a outra. Logo o auto Piaget (1975, p. 55) vem afirmando “os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis”.

A partir desse princípio, fica evidente que cognição e afetividade estão intrinsecamente ligadas, operando de forma mutuamente solidária ao longo do processo de aprendizagem. A afetividade desempenha um papel crucial no fomento da motivação, interesse e envolvimento emocional de um aluno com o conhecimento, enquanto a cognição abrange as habilidades relacionadas ao raciocínio, compreensão e processamento de informações. Consequentemente, a afetividade complementa a cognição ao estabelecer as bases emocionais que podem facilitar ou dificultar o crescimento cognitivo. Um ambiente afetivo positivo pode aumentar a curiosidade e a ânsia de aprender, enquanto um ambiente emocionalmente adverso pode afetar negativamente o funcionamento cognitivo. Piaget (1975, p. 55) afirma que "os

aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irredutíveis", enfatizando assim que o desenvolvimento intelectual não é uma ocorrência solitária, mas está interligado às emoções e sentimentos que moldam as experiências de aprendizagem.

O processo de aprendizagem acontece durante toda a vida do ser humano e é um processo fundamental para o mesmo, se tornando uma atividade contínua, pois é por meio dela que o indivíduo adquire os conhecimentos que passa a fazer parte da sua existência. Durante este processo podem surgir algumas dificuldades, que muitas vezes é atrelada à relação na qual o professor tem a visão de que apenas o conteúdo é significativo e que só precisa passar conhecimento, sem pensar em criar vínculos de afeto, deixando de lado o campo das emoções do educando.

Sendo assim, este artigo aborda a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, tendo como objetivo investigar e trazer de que modo a relação de afetividade entre professor e aluno pode contribuir para o melhor desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil. Portanto, por meio de uma revisão da literatura abarcaremos concepções de afetividade e aprendizagem, bem como a importância das práticas afetivas no processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica pela necessidade de levantar discussões envolvendo esta temática, explorando contextos teóricos que possam contribuir para a fundamentação do nosso objetivo.

2 MÉTODO

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Para Moura (2022, p. 10), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A metodologia do trabalho desenvolvido, foi realizado por etapas sendo elas fundamentais para que chegássemos ao nosso objetivo.

1º Etapa: Nesta primeira etapa nos propusemos a busca por artigos que fundamentassem a tese do trabalho, partindo disso realizamos a seleção dos artigos que abordam a respeito da temática. Utilizamos como plataforma de pesquisa o Google Acadêmico e aplicamos como descritores de busca as palavras chaves: Afetividade; aprendizagem; e Educação Infantil.

2º Etapa: Nesta etapa realizamos uma leitura exploratória dos resultados que tivemos, levando em consideração os critérios de escolha citados na segunda etapa. Partindo dessa

leitura exploratória foram excluídos estudos de monografia, teses e dissertações, além de outros artigos que não contribuíam com informações necessárias para o nosso objetivo. Por meio dos artigos selecionados durante a leitura exploratória, foi possível realizar a organização das idéias.

3° Etapa: Nesta etapa realizamos uma leitura analítica para fazer o mapeamento do trabalho, no qual foi a nossa base para o desenvolvimento do mesmo.

4° Etapa: Depois da leitura analítica e mapeamento percebemos importância de discutir contribuições dos autores Wallon (2005), Piaget (1975) e Vygotsky(1991) para o tema abordado, que pudesse somar com os outros artigos selecionados para o nosso referencial teórico. Partindo disso, usamos também como plataforma o Google Acadêmico, aplicando como ferramenta de busca as seguintes palavras-chaves: Wallon; Piaget; Vygotsky afetividade; aprendizagem; desenvolvimento humano e utilizando como critério de escolha obras nas quais nos ajudariam satisfatoriamente com o nosso objetivo.

3 CONCEITUANDO AFETIVIDADE

A afetividade é discutida em diferentes perspectivas e se tornou um objeto de análise em diferentes áreas da ciência, entre elas a perspectiva da filosofia e da psicologia. Mas, atualmente vem ganhando destaque dentro da área da educação, com autores de grande importância, que contribuiu de forma positiva dentro da pedagogia para a compreensão do papel da afetividade na relação ensino e aprendizagem.

A afetividade é uma dimensão constituinte de todo ser humano e exerce um papel fundamental na vida do indivíduo, visto que, as emoções e sentimentos são manifestações do indivíduo, onde se encontram as emoções, as experiências agradáveis ou desagradáveis, felizes ou tristes, prazerosas ou não, que nos causa medo ou satisfação e as paixões. Esses são alguns termos que podemos associar a palavra afetividade e partindo deste aspecto, podemos considerar a afetividade como:

[...]o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob as formas de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressões de dor ou prazer, de satisfação, de agrado, ou desagrado, de alegria ou tristeza (Barretos, 1998 p. 17).

A afetividade é uma condição psíquica, é um conjunto de fenômenos sobre as formas de emoção e que tem a função de trazer significado aos nossos sentimentos diante das experiências que vivenciamos durante nossa vida. Wallon (1995) enfatiza que todas essas

manifestações afetivas fazem parte de nossa vida psíquica e nos acompanham a todo o momento e em todas as situações.

Ainda pensando sobre a perspectiva de afetividade do filósofo, médico e psicólogo francês Wallon (1995), podemos conceituar afetividade como:

[...] um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente (Wallon, 1995, p. 288).

Com base nesses conceitos, pode-se dizer que a afetividade constitui um papel importante para vida social e emocional, ou seja, nas funções básicas de uma pessoa. A afetividade é um fator psicológico que pode ser transformada de acordo com as suas situações vividas, ou seja, as emoções podem ser modificadas pelas circunstâncias sociais durante as vivências do indivíduo.

Em concordância com o pensamento de Wallon (1995), o autor Piaget diz que a afetividade seria: “[...] a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (Piaget, 1975 *apud* La Taille, 1992, p.66). A afetividade é um objeto propulsor das ações do indivíduo tendo a razão a seu favor, a mesma funciona como energia que movimenta as ações e a razão proporciona ao indivíduo identificar quais são seus desejos e sentimentos, se são bons ou ruins.

Sendo assim, a afetividade afeta diretamente na vida do indivíduo, na aprendizagem e convivência do indivíduo na sociedade como um todo. Salla (2011) fundamenta na perspectiva de Wallon (1995), que todos os indivíduos são afetados e respondem a elementos externos, recebidos pelo meio, como gestos, olhares, ações de outros indivíduos, e pelos elementos internos como as emoções, sentimentos, amor e paixões e entre outros. Essa definição também nos apresenta Carmo (2012) que enfatiza que a afetividade está ligada a capacidade do indivíduo de ser afetado pelo mundo interno e externo.

De acordo com as definições acima citadas, é possível perceber a importância dos vínculos afetivos na vida do indivíduo, e de como eles podem afetar, principalmente quando se trata de um ser que está em pleno desenvolvimento. Partindo disso, é fundamental falar da afetividade voltada para a perspectiva da pedagogia e para a aprendizagem. Segundo (Salla

2011) a afetividade é um dos conjuntos funcionais do indivíduo que atua juntamente com a cognição e o ato motor, no desenvolvimento e no processo de construção do conhecimento.

Na busca de compreender melhor a afetividade na perspectiva da educação, podemos citar os principais teóricos da educação, como Wallon (1963), Piaget (1975) e Vygotsky (1991) que enfatizam a íntima relação de afeto e cognição.

De acordo com Piaget, a base do desenvolvimento intelectual repousa em dois componentes primários: desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento afetivo. Embora esses componentes sejam distintos, eles procedem em paralelo. Piaget (1975) afirma que “os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis”, ressaltando a necessidade de abordar ambas as dimensões dentro do processo de desenvolvimento. Da mesma forma, Vygotsky (1998) reconhece o vínculo intrínseco entre cognição e afetividade desde as primeiras fases do desenvolvimento, afirmando que “a afetividade tem uma relação fundamental no processo de ensino e aprendizagem”.

Para Vygotsky(1998), a aprendizagem ocorre por meio da mediação social, com as emoções influenciando significativamente o engajamento cognitivo de uma criança. Além dessas perspectivas, Wallon (1995) introduz a idéia de que o desenvolvimento humano compreende quatro elementos interconectados: afetividade, movimento, inteligência e auto formação. Ele postula que a afetividade serve como o modo primário de interação com o ambiente, atuando como o ímpeto inicial para o movimento. Além disso, Wallon (2005) esclarece que “as emoções também são a base para o desenvolvimento do terceiro campo funcional, a inteligência”.

Contudo, fica evidente que as discussões apresentadas indicam claramente que a afetividade é um aspecto fundamental do desenvolvimento humano, particularmente na esfera educacional. A interação entre cognição e afetividade, conforme enfatizado por acadêmicos como Wallon (2005), Piaget (1975) e Vygotsky (1991), ressalta a necessidade de reconhecer as emoções como um componente vital da experiência de aprendizagem. Esse entendimento é evidente nas práticas pedagógicas, onde a conexão emocional entre professores e alunos pode aprimorar a construção do conhecimento e reforçar a motivação dos alunos.

Consequentemente, a educação deve ir além do mero desenvolvimento cognitivo para abranger as dimensões emocionais e afetivas dos alunos. Alcançar um equilíbrio entre razão e emoção permite que os alunos não apenas adquiram conhecimento, mas também se sintam seguros, valorizados e compreendidos no ambiente escolar, elementos que afetam diretamente a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é preciso afirmar que a afetividade,

em sua natureza multifacetada, deve ser reconhecida como um elemento crítico na educação, tendo uma profunda influência no desenvolvimento holístico dos indivíduos.

4 PRESSUPOSTOS E CONCEITOS: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Quando se trata de processo de aprendizagem e processo de desenvolvimento, surgem algumas teorias explicativas. Dentro do reino da aprendizagem e do desenvolvimento, inúmeras teorias surgiram para elucidar a interação entre esses dois elementos. Uma teoria proeminente é apresentada por Jean Piaget (1975), que afirma que o desenvolvimento cognitivo ocorre antes da aprendizagem, sugerindo que o indivíduo deve primeiro evoluir para estabelecer a base fundamental para que a aprendizagem ocorra. Por outro lado, Lev Vygotsky (1991) postula que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, enfatizando o impacto significativo das interações sociais e do ambiente circundante nessa dinâmica. Além disso, a teoria de Jerome Bruner sustenta que o desenvolvimento e a aprendizagem são inter-relacionados, mas são contingentes ao contexto e ao ambiente em que um indivíduo existe. Essas abordagens variadas fornecem insights distintos sobre como as experiências de aprendizagem moldam e são moldadas pelo desenvolvimento cognitivo e social.

Sendo assim, é importante ressaltar que o desenvolvimento e a aprendizagem são processos complexos que envolvem múltiplas interações. Comumente, as crianças tendem a construir seus conhecimentos mediante interações e articulações entre aquilo que já conhecem com a nova informação que aprendem. Trabalhos relacionados à aprendizagem são amplos e podem ser apresentados sob diversas teorias acerca do conhecimento humano, que têm como principal objetivo, dar respostas sobre a maneira que as pessoas aprendem e se desenvolvem ao longo da vida (Rueffer; Lapa, 2022).

Sob a ótica de Vygotsky (1984) acerca do fato acima mencionado, temos:

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente das crianças (Vygotsky, 1984, p. 101).

Desse modo, para Vygotsky (2001), a aprendizagem pode ser denominada por ser uma experiência social, que tende a ser mediada principalmente pela comunicação existente entre a linguagem e a ação. Assim sendo, as crianças podem começar seu aprendizado antes mesmo de estarem inseridas em um ambiente escolar (Vygotsky, 2001).

Essa abordagem faz parte da aprendizagem sociocultural discutida por Vygotsky (1998), que traz uma perspectiva de que o desenvolvimento é baseado na idéia de um organismo ativo, com um pensamento que vai se construindo gradativamente, e amplificando as formas do indivíduo lidar com o meio social e histórico (Gabriel, 2016).

Essa teoria enfatiza questões culturais, na qual a cultura é parte integrante da natureza do indivíduo e os mediadores destes processos psicológicos na atividade humana são o meio social e o cultural. Essa mediação se dá por meio de instrumentos e sistemas simbólicos, desde os mais fáceis aos mais complexos, a mais ressaltada nesse sistema como mediadora é a linguagem (Salvador et al, 2000).

A linguagem nesta teoria tem grande relevância e os autores Davis e Oliveira (1994) destacam a sua importância na perspectiva vygotskiana, frisando sua importância, uma vez que a linguagem interage ao pensamento, construindo uma base possibilitando o funcionamento intelectual. A interação entre linguagem e pensamento ao longo do desenvolvimento do indivíduo vai se transformando, porém continuam com uma ligação entre si.

Quando se trata de relação de aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva vygotskiana é possível observar que são processos diferentes, porém interdependentes, ou seja, um torna o outro possível, uma das condições para que o outro aconteça. Salvador et al (2000) contribui com essa perspectiva ao descrever que a aprendizagem e o desenvolvimento têm uma relação perdura, e que o método de Vygotsky concede grande importância às práticas educativas para o desenvolvimento, possibilitando a aprendizagem.

Sendo assim, pode-se entender que essas práticas são:

“[...] situações de interações em que os membros mais competentes do grupo social e cultural ajudam outros membros do grupo a usar convenientemente esses sistemas de signos em relação a tarefas diversas em contextos diversos” (Salvador, 2000, p. 260)

Como mencionado a cima, a interação é a mediadora deste processo, e um dos pontos mais importante da abordagem sócio cultural. Consiste na relação de interação e ajuda com outros seres que sejam mais competentes, auxiliando assim para que o sujeito se desenvolva. Em outras palavras as funções psíquicas são de origem sociocultural, pois resulta da interação do indivíduo com o seu contexto social e cultural.

Partindo disso surgiu o conceito de percepção mais ampla na teoria sociocultural, que foi a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definida como:

FF[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problema, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotsky, 1988, p. 112).

A Zona de Desenvolvimento Proximal pode ser entendida como a diferença existente entre aquilo que o sujeito pode ser capaz de aprender com ajuda de outros com mais capacidade e aquilo que ela pode aprender e fazer de forma independente. Esses conceitos explicam e nos dão orientação sobre do processo de aprendizagem e desenvolvimento acerca da teoria sociocultural, no qual não é definida por fases e estágios, diferentemente da abordagem genética da aprendizagem.

O principal representante desta teoria foi o filósofo Jean Piaget (1896-1980), que empenhou em estudar a gênese do conhecimento, ou seja, como se forma o conhecimento. Contudo, Vigotsky (1988) também argumenta que todo organismo vivo mantém um estado de equilíbrio com o meio no qual está inserido, sendo assim, para ele o desenvolvimento envolve um processo contínuo de trocas de experiências entre o meio e o organismo, por do processo de equilíbrio (Gabriel, 2016). Para que aconteça o estado de equilíbrio no organismo, existem dois processos, sendo eles a acomodação e assimilação.

O processo de assimilação consiste em uma significação dada pelo indivíduo, daquilo que é percebido, o mesmo em contato com um determinado objeto ou fato tende a investigar e tentar dar sentido ao que percebeu. Sendo assim, assimilar é a ação do indivíduo sobre o objeto do conhecimento, podendo atribuir esses objetos a esquemas mentais já existentes no sujeito. O processo de acomodação exige uma modificação dos esquemas mentais assimilados, para que um novo conhecimento seja construído (Carmo, 2012). Sendo assim, podemos entender que o processo de assimilar o indivíduo atribui significado à realidade que ajudam o mesmo a se adaptar e se organizar em seu meio ambiente, já a acomodação acontece a modificação para se ajudar as demandas do meio ambiente.

Nesta teoria o filósofo conceituou o desenvolvimento sendo um processo de equilíbrios sucessivas, que mesmo o processo sendo contínuo, ele é caracterizado por algumas fases, que procura defender as estruturas cognitivas (Borges, 2022). Essas fases permanecem em uma ordem e se relacionam até alcançar um estágio de estabilidade e mobilidade. Partindo disso podemos dizer que aprendizagem estaria subordinada ao desenvolvimento, que acontece por meio de quatro fases, descritas a seguir:

A primeira fase é Período sensório-motor, que se inicia desde o nascimento e se estende até os dois anos de idade. Neste estágio é entendido que o intelecto infantil se desenvolve a partir das experiências sensoriais e esquemas motores para solucionar

problemas, que são essencialmente de ordem prática. A criança também utiliza dessas experiências e esquemas para se relacionar e conhecer outros indivíduos. Nesse sentido, o esquema sensorio motor, se dá a partir dos reflexos inatos, nos quais a criança vai usando para solucionar seus problemas, aprender a lidar com o seu meio, e assim ir gradativamente evoluindo e se modificando com suas experiências (Carmo, 2012).

A segunda fase é a Pré-operatório, que se inicia por volta dos dois anos de idade e se prolonga até os seis anos de idade. Esta fase é marcada pelo aparecimento da linguagem oral, por volta dos dois anos e indica a capacidade da criança de realizar ações interiorizadas e ações mentais. Esta fase também recebe o nome de pensamento egocêntrico, pois o que mais se destaca é o pensamento da criança de suas próprias experiências, sendo, portanto, um pensamento que a criança centra em si mesma. O pensamento pré-operatório é também extremamente dependente da percepção imediata, sofrendo com isto uma série de distorções (Borges, 2022).

A terceira fase é a operacional concreto, que se inicia por volta dos sete anos de idade, na qual ocorrem modificações na inteligência infantil, na forma como a criança lida e conhece o mundo. Nesta fase os pensamentos se tornam lógicos, mais preponderantes e mais objetivos, se tornando menos egocêntrico. Ao longo dessa etapa as ações interiorizadas da criança se tornam cada vez mais reversíveis, móveis e flexíveis.

O pensamento reversível é uma das características mais predominantes desta etapa, pois nela a criança que é possível retornar no ponto de partida, se baseando mais no raciocínio e menos na percepção. Nesta fase a criança não consegue ainda pensar abstratamente, apenas com base em proposições, ela precisa de algo concreto, como exemplos ou materiais para pensar corretamente (Moura, 2022).

A última fase é o operatório formal, que se inicia por volta dos 13 anos de idade, no qual a criança se torna capaz de pensar e trabalhar não só com a realidade concreta, mas também com a realidade possível. A construção da fase operatório-formal é o raciocínio por meio de hipótese, no qual, permitirá ao adolescente estender seu pensamento até o infinito. Sendo assim a inteligência se torna formal e o pensamento Hipotético-dedutivo. Esta fase é a mais complexa do desenvolvimento cognitivo, pois se inicia na adolescência e se estende por toda a vida, no qual o objetivo será apenas de ajustar, solidificar e estofar as suas estruturas cognitivas (Fonseca, 2016).

Para ocorrer a passagem de uma etapa de desenvolvimento pra outra existem alguns fatores básicos responsáveis, sendo eles: a interação social, que acontece por meio da linguagem e da educação, as experiências físicas com objetos e a equilíbrio (Moura, 2022).

Ao discutir sobre o senso comum, Montoya (2009) escreve:

Segundo as crenças do senso comum, prolongadas para o interior das escolas, o ser humano nasce com uma capacidade inteligente instalada que será atualizada pela maturação (daí falar-se tanto em maturidade e em potencialidade) e nenhuma aprendizagem poderá modificá-la, muito menos transformá-la e, menos ainda, aumentar sua capacidade – se nasceu inteligente, será sempre inteligente; se não nasceu inteligente, jamais será inteligente. Se nasceu com talento, será sempre talentoso; se é genial é porque nasceu gênio. Resta ao ser humano comum estocar conteúdos ou informações na certeza de que jamais conseguirá corrigir o destino cruel de ter nascido com uma inteligência inferior (Montoya, 2009, p. 14).

Dessa maneira, as teorias de aprendizagem têm como objetivo reconhecer quais as dinâmicas envolvidas ao ensinar e também ao aprender sempre reconhecendo a evolução do indivíduo e a relação existente entre o conhecimento que é pré-existente e de um novo que ainda será adquirido. Partindo desse ponto, temos que a aprendizagem não pode estar relacionada apenas com a inteligência, mas também com as interações pessoais (Fonseca, 2016).

Ao concluir esta seção, é evidente que esses dois processos são fundamentalmente inter-relacionados e moldados por vários fatores. As teorias apresentadas por Vygotsky e Piaget fornecem pontos de vista complementares que aumentam nossa compreensão de como as crianças adquirem conhecimento e evoluem ao longo do tempo. Enquanto Piaget ressalta a importância do ambiente físico e das experiências pessoais na formação do conhecimento, Vygotsky chama a atenção para o papel crítico das interações sociais e culturais.

Um exame dessas abordagens revela que a aprendizagem constitui um processo ativo e dinâmico, no qual experiências diárias, linguagem e interações com outros assumem importância vital. O conceito de Vygotsky da Zona de Desenvolvimento Proximal exemplifica como a assistência de outros pode facilitar a aprendizagem, demonstrando que o desenvolvimento não ocorre isoladamente, mas sim dentro de um contexto social vibrante.

Além disso, é vital dismantelar crenças restritivas de senso comum que podem dificultar a percepção da capacidade de aprendizagem e da inteligência. Reconhecer que a aprendizagem é um processo contínuo moldado por várias interações sociais cria novas oportunidades para a educação, promovendo abordagens pedagógicas que valorizam a individualidade de cada aluno.

Consequentemente, esta pesquisa ressalta a importância de adotar uma perspectiva inclusiva sobre aprendizagem e desenvolvimento, reconhecendo a profundidade das interações sociais e culturais que influenciam os caminhos individuais. Ao explorar esses conceitos de forma coesa, pretendemos aprimorar a educação de uma forma que leve em

consideração as necessidades e o potencial de cada aluno, promovendo assim uma experiência de aprendizagem mais eficaz e significativa.

5 AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Atualmente a Educação Infantil vem sendo a modalidade que mais exige um olhar de atenção, cuidado e preocupação e é considerada parte integrante da educação básica, por ser responsável pela formação e socialização do indivíduo. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96, em seu artigo 29, enfatiza que:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, completamente a ação da comunidade (LDBEN, 2023, p.24).

Com isso, a Educação Infantil compreende o período de estudo que se inicia dos 0 aos 5 anos de idade, porém a inserção do ambiente escolar só é obrigatória a partir dos 4 anos de idade. A mesma se encontra dividida entre creches (0 a 3 anos de idade) e pré-escola (4 a 5 anos de idade). Essa etapa é crucial, pois marca o início da socialização, do desenvolvimento cognitivo, motor e emocional das crianças, estabelecendo as bases para suas futuras jornadas educacionais. Dentro desse contexto, o ambiente escolar serve como um cenário vital para experiências significativas de aprendizagem, permitindo que as crianças interajam, explorem seus arredores e construam conhecimento.

A Educação Infantil é uma das etapas mais importantes para o desenvolvimento de uma criança, uma vez que ela é a base para as demais fases de aprendizado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/1996, define a mesma como a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional (Brasil, 2018, p.33). Além disso tem o objetivo de estabelecer bases para a formação da personalidade, inteligência, vida emocional e social da criança.

A abordagem pedagógica deve levar em consideração as características únicas dessa faixa etária, reconhecendo a criança como participante ativa em sua própria jornada de aprendizagem. Wallon (2005) afirma que as conexões emocionais formadas entre uma criança e seu ambiente são essenciais para seu desenvolvimento. Consequentemente, o ambiente

educacional deve criar condições que estimulem a expressão de emoções e sentimentos, pois essas experiências impactam significativamente o crescimento da criança.

Ao entrar na creche ou na pré-escola a criança é separada momentaneamente dos seus vínculos afetivos e com o meio no qual ela já estava acostumada desde o seu nascimento, ou seja, a família, que é o primeiro ambiente social no qual ela vai se formar enquanto pessoa, e se tornar um ponto de referência para as outras interações que a mesma irá estabelecer ao longo da vida.

Essa separação se dá para que haja a incorporação em mais um meio social, ou seja, a escola. A escola se torna um ambiente também muito significativo ao longo da vida da criança, pois é neste ambiente que ela vai ter uma relação direta com os educadores, com outras crianças e com a instituição escolar. Nesta fase a criança precisa de um olhar mais afetuoso e Santos, Bondi e Araújo (2018), cita que a Educação Infantil se destaca por ser um momento que a criança precisa se sentir segura e pertencer a um ambiente que a estimule.

Dessa forma, a relação e convivência neste novo meio social precisa ser de amor, limites, disciplina, confiança, respeito e afeto, para que o processo de aprendizagem seja construído de forma adequada. Para Oliveira *et al.* (2019), a escola deve ser vista não apenas como responsável por repassar conhecimentos, devendo ser vista como um ambiente mediador de afeto e respeito, para que dessa forma, as crianças se sintam incluídas e acolhidas.

Vygotsky (1998) destaca que a aprendizagem ocorre por meio de interações sociais, servindo como um mediadora-chave na construção do conhecimento. Nessa estrutura, o afeto se estende além do mero cuidado ou proteção; abrange a qualidade das interações entre educadores e crianças, a atmosfera emocional da sala de aula e como os sentimentos são reconhecidos e validados dentro do contexto educacional. O vínculo de confiança e segurança estabelecido por meio do relacionamento afetivo entre educador e criança é essencial para promover a motivação e o engajamento nas atividades apresentadas.

De acordo com Piaget (1976), o crescimento cognitivo de uma criança é moldado por seu estado emocional, indicando que crianças emocionalmente estáveis, geralmente alcançam maior sucesso escolar. Portanto, o afeto não deve ser visto como um aspecto suplementar da educação, mas sim como um componente fundamental que enriquece a experiência de aprendizagem. Além disso, o afeto desempenha um papel crucial no fomento da autoestima e da autonomia.

Quando as crianças se sentem apreciadas e reconhecidas em suas emoções, elas cultivam maior autoconfiança, o que se manifesta como uma abordagem mais engajada e

proativa às atividades escolares. Freire (1996) argumenta que a educação deve incorporar amor e coragem, com o educador atuando como um facilitador para o desenvolvimento holístico da criança, honrando e encorajando a expressão de sentimentos.

Conseqüentemente, quando o afeto é consciente e intencionalmente tecido nos métodos de ensino da Educação Infantil, ele desempenha um papel crucial na criação de um ambiente que promove o crescimento cognitivo, emocional e social nas crianças, levando a experiências de aprendizagem mais impactantes e significativas. Portanto, os educadores precisam estar atentos às necessidades emocionais dos jovens aprendizes, entendendo que o afeto serve como um instrumento vital na construção de uma experiência educacional transformadora e humanizadora.

Na Educação Infantil, o elo entre afetividade e aprendizagem é essencial, pois as emoções das crianças influenciam significativamente o crescimento de suas habilidades cognitivas. A afetividade abrange emoções, sentimentos e relacionamentos com os outros, e afeta diretamente como as crianças interagem e absorvem novas informações. Henri Wallon (2005) afirma que a afetividade serve como um pilar fundamental do desenvolvimento infantil, desempenhando um papel direto na formação de habilidades cognitivas e na formação do conhecimento.

Assim, o desenvolvimento emocional ocorre antes e impacta o desenvolvimento cognitivo, deixando que as emoções não são simplesmente componentes suplementares, mas sim obrigatórias da experiência de aprendizagem. Em um ambiente educacional que prioriza a afetividade, as crianças experimentam uma sensação de segurança e acolhida, ou que por sua vez promove a exploração e a curiosidade, elementos-chave específicos para uma aprendizagem eficaz.

Acerca disso, a afetividade tem a sua importância na área educacional, uma vez que, a partir dela a criança vai criar laços com todos que estão nesse novo ambiente na qual ela está sendo inserida, contribuindo para que a criança ultrapasse suas dificuldades, se sinta confiante, cheia de autonomia, segura e amada, promovendo assim uma aprendizagem satisfatória. Freire (1996) também explora a conexão entre vínculo e aprendizagem, afirmando que a educação deve ser enraizada no afeto e no diálogo. Ele destaca a importância de educadores formarem relacionamentos caracterizados por respeito e empatia com seus alunos, confirmando seus sentimentos e experiências. Tal atmosfera dialógica e acolhedora promove a aprendizagem crítica e reflexiva, permitindo que as crianças se sintam motivadas e envolvidas em sua jornada educacional.

Portanto, entende-se que não é possível uma criança ter uma aprendizagem significativa sem que exista afeto. Pois para que ela consiga se desenvolver na aprendizagem a mesma precisa sentir confiança quanto no ambiente que ela está, quanto no que está sendo apresentado, e conseqüentemente, na pessoa que está ensinando, ou seja, não existe aprendizado sem que a afetividade esteja envolvida no processo de ensinar.

De acordo com David Ausubel (2003), a aprendizagem significativa acontece apenas quando novas informações são significativamente conectadas ao conhecimento existente do aluno, e essa conexão é reforçada por um ambiente emocional positivo. Conseqüentemente, os laços emocionais e os relacionamentos formados entre o educador e a criança são essenciais para uma aprendizagem eficaz e resistente. Ausubel (2003) enfatiza que, fornecer suporte emocional e consideração à medida que as experiências das crianças reforçam a internalização do conhecimento, promovendo assim um ambiente favorável à aprendizagem.

Além disso, Damásio (2000) sugere que as emoções são cruciais na tomada de decisões e no processamento de informações, diminuindo que uma atmosfera emocional positiva aumenta a concentração, a memória e as habilidades de resolução de problemas. A natureza das trocas afeta significativamente como as crianças se concentram, lembram de informações e utilizam seu conhecimento em diferentes contextos.

Os argumentos de Winnicott (1999) também são cruciais para consideração, pois ele enfatiza que o afeto ensinado por meio de relacionamentos nutritivos e consistentes permite que as crianças cultivem um senso de segurança emocional, vital para a exploração e o aprendizado. Em um ambiente emocionalmente favorável, a confiança que é fomentada promove o crescimento da autonomia e equipa das crianças para enfrentar desafios acadêmicos e sociais.

Sabemos que a aprendizagem e o desenvolvimento são processos complexos, único se particulares na vida de cada indivíduo, e a afetividade exerce um papel imprescindível neste processo, pois a educação com a ausência de uma abordagem dos aspectos afetivos em sala de aula, poderá resultar em prejuízos enormes no desenvolvimento cognitivo do indivíduo (Terra,2002).

Jean Piaget (1975) em sua teoria, atribui o desenvolvimento infantil em dois componentes, sendo eles: Cognitivo e o afetivo, ou seja, o processo de desenvolvimento cognitivo está paralelo ao processo de desenvolvimento afetivo. Piaget (1975) ainda ressalta que “[...] os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis [...]”. Na perspectiva do filósofo Vygotsky (1998) a afetividade é um elemento importante em todas as etapas da vida de uma pessoa e tem relevância fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, a conexão entre afeto e aprendizado na Educação Infantil opera como um relacionamento recíproco, onde laços emocionais e sentimentos promovem uma atmosfera propícia ao crescimento cognitivo e à obtenção de novos conhecimentos. Incorporar deliberadamente o afeto aos métodos de ensino não apenas melhorando a experiência de aprendizagem, mas também auxiliando no desenvolvimento holístico da criança, encorajando um ambiente educacional mais compassivo e eficiente.

O afeto é essencial para o raciocínio e desenvolvimento da inteligência, pois quanto a afetividade, quanto a inteligência, se estruturam nas ações. Nas experiências e nas vivências do dia a dia da criança. A afetividade pode ser considerada o combustível para que a estrutura cognitiva comece a funcionar, motivando a agilidade da construção do conhecimento, visto que, as crianças que se sentem mais seguras e acolhidas ela aprende e se desenvolve com mais facilidade.

Nesse sentido, a afetividade e a inteligência estão ambos os presentes no cotidiano do indivíduo, abrangendo todas as atividades interior e exterior do mesmo, visto que, quando ambas são separadas pode ocorrer um confronto na construção da personalidade da criança. Wallon (1995) que devemos tratar as emoções como um aspecto de suma importância, tanto quanto é tratado à própria inteligência, pois ambas estão presentes no ser humano.

Ao estar dentro de uma sala de aula, um professor tende a lidar com crianças com diferentes realidades sociais e intelectuais. Dessa forma, a sua função não é apenas passar aos alunos conteúdos referentes aos campos de experiência, mas também acolher e ouvir os alunos, entender as suas vivências e dificuldades, o que possibilita o seu desenvolvimento intelectual e também como indivíduo componente de uma sociedade. Tal fato apenas é possível se os educadores fizerem da afetividade a base. Desse modo, foi o autor e educador Henri Wallon (1954) quem fundamentou de formas mais aprofunda sobre a importância desta temática.

La Taille (1992, p.85) argumenta que “na psicogenética de Wallon a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.” Sendo assim vale a pena ressaltar que o autor é o pioneiro a aprofundar sobre esta temática e o primeiro a não levar apenas o corpo da criança para sala de aula e sim levou junto para sala de aula suas emoções. Baseando assim, suas idéias em quatro elementos-chaves e básicos que estão em constante ligação, se comunicando o tempo todo, sendo eles: Afetividade, movimento, inteligência e formação do eu como pessoa.

Partindo dos contextos do fato supracitados, em uma sala de aula, fica de responsabilidade do professor em assumir uma postura ligada à afetividade, bem como de

propiciar a socialização de seus alunos (Temitski, 2021). Uma relação entre aluno e professor deve ser mediada pela afetividade, uma vez que a mesma está diretamente relacionada com o processo de ensino e de aprendizagem. A afetividade no ambiente escolar faz com que os impactos positivos da influência de um educador na vida de uma criança se sobressaiam, contribuindo para a formação da inteligência, desenvolvimento psíquico e pessoal, principalmente nos primeiros anos de ensino (Lima et al., 2020).

No entanto, para que a afetividade seja considerada em um ambiente escolar, compete ao educador a percepção de diversos sinais que as crianças possam dar como resposta às suas aulas. Para tanto, podemos mencionar o estabelecimento de relacionamentos interpessoais positivos, percepção dos interesses das crianças e seus sinais emocionais. Estabelecer uma relação empática por meio da criação e fortalecimento de vínculos faz com que além de cidadãos conscientes de seus deveres, os alunos possam também desenvolver as suas emoções em um ambiente seguro e acalentador (Lima; Lavoyer, 2019).

Quando tratadas com afeto, as crianças têm a tendência de aprenderem com mais entusiasmo. Assim sendo, as perspectivas de um bom ensino estejam inteiramente ligadas às atitudes e da postura do professor em sala de aula de modo a partir dele um ambiente calmo, organizado e afetuoso. Os alunos da Educação Infantil estão ainda formando conceitos e suas opiniões referentes ao mundo e pode ser que a escola seja o seu primeiro ambiente externo às suas famílias, então o educador deve fazer com que esse processo seja natural e que durante o mesmo, as crianças se sintam amadas e estimuladas (Silva; Gonçalves, 2022).

Nas pesquisas de Oliveira, Silva e Azevedo (2019), em que a partir de uma inquietação de atrasos na fala de crianças, os autores resolveram investigar o papel da afetividade nesse processo, pôde ser percebido que independente da metodologia empregada, o afeto influencia nas respostas de aprendizagem. As autoras relatam que em casos de professores carrascos, a tendência é que os alunos o temam e isso interfere diretamente no avanço intelectual e emocional dos alunos.

Dessa forma, no decorrer das vivências em sala de aula, o educador e os alunos desenvolvam afetividade. Muitas crianças podem se esquivar de momentos de afeto, bem como das atividades lúdicas oferecidas pelo professor. Nesse caso, o educador deve apresentar persistência e muita paciência para que, com o tempo, essa criança passe a fazer parte desses momentos de integração por livre e espontânea vontade (Ramos, 2017).

Uma relação harmônica entre aluno e professor depende especialmente da autonomia e capacidade de compreensão, onde ambos sabem a hora de falar, mas também de ouvir e refletir sobre os assuntos discutidos. Desse modo, o professor deve ser mediador de estímulos

para que as crianças desenvolvam habilidades e estimulem a participação das mesmas durante as atividades e conteúdos ministrados em sala de aula. Para tanto, é necessário, por parte do educador, criar relações empáticas e de companheirismo com seus alunos (Santos; Lopes, 2020). Wallon (1995, p. 255) “[...] atribuiu a emoção como os sentimentos, desejos e manifestações da vida afetiva, demonstra os sentimentos como um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.”

As emoções possibilitam que as crianças consigam demonstrar seus desejos, expressar seus sentimentos, mostrar suas vontades e dessa forma conseguir se relacionar melhor com o meio e conseqüentemente elevar seu nível de aprendizagem. Dessa forma a reflexão acerca do tema afetividade e a sua relevância no processo de aprendizado são essenciais, pois não podemos separar o campo cognitivo, do campo afetivo, do ser humano. Mesmo sendo campos com estruturas diferentes ambos não podem ser tratados de forma fragmentada, eles precisam andar lado a lado. Mohoney (2008) descreve claramente quando diz:

[...] o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo (Mohoney, 2008, p.15).

Dessa forma, ao exemplificar o que é um ato afetuoso para com um aluno, Markic (2017) destaca que isso nada tem a ver com deixar de estabelecer limites ou relevar comportamentos impróprios. Alguns autores destacam que a afetividade e a aprendizagem não se separam. A afetividade relaciona-se diretamente com o bem estar das crianças, principalmente nos primeiros anos de ensino, onde a maioria delas vem de uma relação exclusiva de âmbito familiar. Por isso, é necessário que a educação pedagógica esteja inteiramente ligada com a percepção dos comportamentos emocionais de seus alunos, que podem ir desde expressões faciais e corporais como também riso ou choro (Temitski; Gasparelo, 2018 p).

Para Souza (2018), as relações de afeto positivas com os adultos, bem como as demais pessoas que fazem parte do convívio social das crianças contribuem diretamente na formação da personalidade destas. Além disso, vale mencionar que a faixa etária em que se encontram na primeira fase de ensino, é importantíssima para a sua formação como sujeito que compõem e convivem em sociedade.

Nesse sentido, fatores emocionais são essenciais na jornada de aprendizagem, particularmente na Educação Infantil, pois esse período é vital para o crescimento emocional e cognitivo das crianças. O gerenciamento e a expressão de emoções dentro do ambiente

educacional podem promover ou obstruir o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades.

A segurança emocional é um fator afetivo essencial que impacta a aprendizagem. Crianças que percebem seu ambiente escolar como seguro e acolhedor são mais inclinadas a participar de atividades educacionais e experimentar novos conceitos. Conforme observado por Winnicott (1999), uma atmosfera acolhedora e segura capacita as crianças a explorar com confiança seus arredores, o que é crucial para seu crescimento cognitivo. Por outro lado, se as crianças experimentam sentimentos de ameaça ou desconforto, sua capacidade de aprendizado pode ser muito prejudicada.

Outro fator emocional importante é a autoestima. Crianças com autoestima positiva são mais propensas a abordar desafios acadêmicos com maior motivação e resiliência. De acordo com Freire (1996), é crucial valorizar os alunos e reconhecer suas habilidades para reforçar a autoconfiança, o que posteriormente melhora os resultados da aprendizagem. Quando as crianças possuem alta autoestima, elas se envolvem mais ativamente nas atividades escolares, promovendo uma atmosfera de aprendizagem mais vibrante e cooperativa.

A natureza dos relacionamentos afetivos que as crianças formam com seus colegas e educadores frequentemente impacta sua motivação. Wallon (2005) sugere que uma interação positiva entre o indivíduo e seu entorno dá origem ao desejo de aprender. Quando as crianças experimentam um vínculo emocional com seus professores e colegas de classe, elas são mais propensas a exibir maior interesse e curiosidade nas atividades escolares, levando a uma aprendizagem mais profunda e eficaz.

Além disso, a regulação das emoções é um componente emocional que influencia significativamente a aprendizagem. De acordo com Damasio (2000), a capacidade de gerenciar sentimentos como frustração e ansiedade é essencial para sustentar a atenção e a concentração durante toda a experiência de aprendizagem. Crianças que conseguem lidar efetivamente com suas emoções de forma construtiva geralmente alcançam maior desempenho escolar, pois são mais capazes de passar por desafios e perseverar em tarefas complexas.

Em última análise, os elementos emocionais de empatia e socialização desempenham um papel significativo na formação de experiências de aprendizagem. Quando uma escola promove uma atmosfera de empatia e colaboração entre os alunos, ela cultiva um ambiente emocional de apoio que melhora o aprendizado coletivo. De acordo com Ausubel (2003), trocas sociais calorosas e respeitadas incentivam a troca de conhecimento e experiências, enriquecendo assim a jornada geral de aprendizado.

Para resumir, segurança emocional, autoestima, motivação intrínseca, regulação emocional e empatia são elementos cruciais no processo de aprendizado. Esses fatores afetivos não apenas auxiliam no desenvolvimento cognitivo, mas também ajudam a criar uma atmosfera escolar mais harmoniosa que apóia o crescimento holístico das crianças. É vital reconhecer e incorporar esses aspectos emocionais aos métodos de ensino para promover uma Educação Infantil de qualidade, que priorize tanto o aprendizado quanto a saúde emocional dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, esta pesquisa teve como objetivo investigar de que modo a relação de afetividade entre professor e aluno pode contribuir para um melhor desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil. Portanto, as discussões apresentadas neste artigo demonstram que os relacionamentos emocionais são essenciais para os processos educacionais, pois a integração do conhecimento, o raciocínio cognitivo e o desenvolvimento social em crianças são inter-relacionados e reforçados por meio do envolvimento emocional entre educadores e seus alunos.

O estabelecimento de vínculos afetivos dentro da sala de aula, promove um ambiente seguro e acolhedor, o que é crucial para motivar as crianças a se envolverem na aprendizagem e a interagirem construtivamente com seus colegas. Quando os educadores demonstram preocupação autêntica com o bem-estar emocional de seus alunos, isso não apenas promove o aprendizado escolar, mas também reforça o crescimento de competências sociais, incluindo empatia e colaboração. Os alunos que se percebem valorizados e respeitados têm mais probabilidade de se envolver ativamente em atividades escolares, articulando seus pensamentos e participando de trocas sociais construtivas.

É essencial destacar que a educação infantil se estende além de apenas levar conhecimento escolar; ela abrange o desenvolvimento holístico da criança. Nesse sentido, o papel do professor transcende as funções pedagógicas tradicionais, pois ele também serve como um facilitador das experiências emocionais que contribuem para a formação do caráter e da personalidade dos alunos.

Em suma, pode-se afirmar que o afeto desempenha um papel vital nas experiências educacionais de todas as crianças, com a função do professor como mediador emocional sendo essencial para cultivar uma atmosfera de aprendizagem eficaz e estimulante.

Consequentemente, existe uma necessidade de compreensão e apropriação contínuas sobre o significado do afeto na educação, promovendo mais pesquisas que se aprofundem nesse assunto de forma abrangente e aprimorem metodologias pedagógicas. Assim, devido à relevância do tema, mais pesquisas devem ser feitas, uma vez que o estado emocional das crianças e maneira pela qual os educadores lidam com elas interfere diretamente no desenvolvimento das mesmas.

7REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BITTENCOURT, Erineia Martins Valadares; MOLON, Herica Santos. A afetividade como instrumento de aprendizagem e como facilitador da relação professor/aluno na educação infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 2, p. 5738-5749, 2020.

BORGES, Juliana Flávia. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: revisão bibliográfica. Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba/Paraná, 2022.

CARMO, Enedina Silva e BOER, Noemi. Aprendizagem e Desenvolvimento na perspectiva interacionista de Piaget, Vygotsky e Wallon. XVI Jornada Nacional de Educação. Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Santa Maria, RS: 2012.

DAMASIO, Antonio. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FONSECA, Vítor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Rosângela; MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. A aprendizagem da leitura e suas implicações sobre a memória e a cognição. **Ilha do Desterro**, v. 69, p. 61-78, 2016.

OLIVEIRA, Bruna Karoliny. Afetividade e aprendizagem na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 10, n. 1, p. 84-98, 2019.

OLIVEIRA, Hildegard Ramos; DA SILVA, Ana Claudia Xavier; DE AZEVEDO, Celene Silva. Ensino com afetividade na educação infantil, dentro das concepções de aprendizagem: da pedagogia tradicional à pedagogia libertadora. **Revista Inclusiones**, p. 220-242, 2019.

SOUSA, Léa. Barbosa. A influência da afetividade na aprendizagem significativa: uma abordagem na educação infantil. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, São Luís, p. 77–93, 2018. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148>. Acesso em: 3 jan. 2024.

NASCIMENTO, Elias; GONÇALVES, Sueli Silva. estudo de caso: a importância da afetividade na aprendizagem na educação infantil dentro do projeto relação família escola.

SANTOS, Ana Caroline Pereira; BONDI, Kerly; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. A contribuição da afetividade nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança inserida na educação infantil. **Revista científica Intelletto**, v. 3, n. 2, 2018.

SANTOS, Amanda Sheyla; LOPES, Cicera Alves Nunes. Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: A Educação Infantil na Perspectiva de Henri Wallon/Affectivity in the Teaching Learning Process: Childhood Education from the Perspective of Henri Wallon. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 14, n. 52, p. 525-540, 2020.

LA TAILLE, Yves de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teoria psicogenética em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, Larissa Lavoyer; LIMA, Letícia Lavoyer. **A influência da afetividade no processo ensino e aprendizagem da educação infantil: um relato em uma escola pública do Distrito Federal**. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

LIMA, Alessandro Da Silva et al. **A afetividade na relação professor-aluno: um diálogo com o desenvolvimento da aprendizagem para a educação infantil**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67494>. Acesso em: 04/01/2024 09:05.

LIRA, Milena Oliveira De. **Afetividade e ensino-aprendizagem na educação infantil: reflexões de uma prática**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35731>. Acesso em: 04/01/2024 14:34

MARKIC, Ana Angélica. Tecitura: Afetividade e Aprendizagem Na Educação Infantil. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 12, n. 2, p. 42-51, 2018.

MASSOQUETTO, Jhenifer Dorcelino. A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Anais do EVINCI-uniBrasil**, v. 4, n. 1, p. 225-225, 2018.

MOURA, Rebeca. A cognição e a aprendizagem. Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba/Paraná, 2022.

OLIVEIRA, Antonio Hilley Xavier et al. **A afetividade como potencializadora da aprendizagem no processo de inclusão na educação infantil do município de sobral**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58004>. Acesso em: 04/01/2024 14:10

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

OLIVEIRA, Hildegard Ramos; DA SILVA, Ana Claudia Xavier; DE AZEVEDO, Celene Silva. Ensino com afetividade na educação infantil, dentro das concepções de aprendizagem: da pedagogia tradicional à pedagogia libertadora. **Revista Inclusiones**, p. 220-242, 2019.

SALVADOR, César. Coll. et al. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, Bruna Karoliny de Oliveira. Afetividade e aprendizagem na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 84–98, 2019. DOI: 10.30681/rep.v10i1.10184. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/10184>. Acesso em: 4 jan. 2024.

TEMITSKI, J. de L. .; GASPARELO, R. R. S. A relação entre afetividade e aprendizagem nas orientações curriculares contemporâneas para a educação infantil: La relación entre la afectividad y el aprendizaje en las orientaciones curriculares contemporâneas para la educación infantil. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 15, n. 32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4442>. Acesso em: 4 jan. 2024.

VYGOTSKY, Lev.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLOW, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1999.